

Opacidade do ser

Em desatenção,
uma bofetada,
palavras em agravo
repetidamente sufocadas.
Deixam seus efeitos no corpo,
somados aos acumulados,
enredados, contorcidos, comercializados.

E a perda que se mantém,
incessantemente se propaga
em uma linguagem outra,
tão Outra,
que se confunde consigo mesma,
resquícios da diáspora,
moléculas do movimento,
sal e nó na garganta.

O que não se pode
ser dito tão de imediato,
já foi falado por milhares
de vozes silenciadas.
Este interdito, proibido,
resguardado no terreiro.

Espírito insurgente,
ressoa no peito,
o ritmo ancestral.
Se abraçam no escuro do mundo,
em raízes que aprofundam os céus,
no batuque do tambor, atabaque, maracá,
o som germina um coração livre,
pelas curvas da flecha,
a seta imantada na terra,
rosas negras rendadas
em todos os espaços,
atemporal.
Nos escombros do mundo em ruínas,
há o sem fim,
uma viva vibração pelo inesperado:
opacidade do *devir*
e seu encantamento.

Fellipe de Sousa, 2024
(será publicado no livro: Raízes de uma
batucada, 2025, editora Litteralux, pág 90-91).